



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS LITERATURAS

PAULA CAROLINA REIS FALCÃO

**A LITERATURA MARGINAL PRESENTE NA OBRA CAPÃO PECADO: UM
RETRATO DO LADO “SEM LEI” DA GRANDE CIDADE**

CAETITÉ-BA
2020

PAULA CAROLINA REIS FALCÃO

**A LITERATURA MARGINAL PRESENTE NA OBRA *CAPÃO PECADO*: UM
RETRATO DO LADO “SEM LEI” DA GRANDE CIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Letras da Universidade do Estado da Bahia, Campus VI, como requisito final para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientador: Rogério Soares Brito

**CAETITÉ-BA
2020**

PAULA CAROLINA REIS FALCÃO

**A LITERATURA MARGINAL PRESENTE NA OBRA *CAPÃO PECADO*: UM
RETRATO DO LADO “SEM LEI” DA GRANDE CIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Letras da Universidade do Estado da Bahia, Campus VI, como requisito final para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientador: Rogério Soares Brito

Aprovada em: ___/___/___

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Rogério Soares Brito
Orientador

Prof^a. Ma. Zélia Malheiro Marques
Convidada

Prof^a. Dra. Sidnay Fernandes dos Santos
Convidada

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Dados fornecidos pelo autor

FALCAO, PAULA CAROLINA REIS

A literatura marginal presente na obra Capão Pecado: um retrato do lado "sem lei" da grande cidade / PAULA CAROLINA REIS FALCAO.-- Caetité, 2020.

43 fls.

Orientador(a): Rogério Soares Brito.

Inclui Referências

TCC (Graduação - Letras - Língua Portuguesa e Literaturas) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas.

1.Literatura Marginal . 2.Capão Pecado. 3.Ferréz.

CDD: 304

À minha mãe, que sempre esteve comigo nos momentos difíceis e fáceis, me incentivando a ser alguém na vida.

À minha vó, que é minha segunda mãe e que me ensinou tudo que sei hoje, inclusive cuidar das plantas.

AGRADECIMENTOS

Antes mesmo de iniciar a pesquisa eu já sabia para quem seriam os meus agradecimentos, por serem pessoas que sempre me ajudaram no decorrer da minha trajetória acadêmica e pessoal.

Primeiramente, quero agradecer a minha força de vontade que me impediu de desistir mesmo com tantas adversidades no caminho, e a Deus que nunca me deixou sozinha quando eu mais precisei.

Às minhas mães, Monacita Reis e Maria de Lourdes, por acreditarem no meu potencial, pelo apoio e ensinamentos.

Às minhas melhores amigas de infância, Hanna Izadora e Jamilly Bianca, por serem responsáveis pelas minhas risadas, pelo apoio, carinho e por todas nossas histórias.

Aos meus melhores amigos da faculdade que são a minha família em Caetité, como minha dupla da vida, Debora Hévila, que me acompanhou nas realizações das ideias mais loucas; Fabiana Castro por ser uma irmã, sempre disponível ajudar e a oferecer o seu ombro amigo; Maria de Lourdes por me inspirar todos os dias; Géssika Souza, a mais parecida comigo, minha companheira das cachaças e que me ajuda em tudo.

Ao meu namorado, Raul Rômulo, que me aturou no meu nervoso e sempre buscou me ajudar, inclusive no momento que eu estava quase desistindo do TCC, me dando café, água, comida e amor.

Ao meu orientador, Rogério Soares, pelo acompanhamento na realização da pesquisa. Ao professor Nivaldo Dutra que é um exemplo de profissional e contribuiu para o meu crescimento como pesquisadora, na época da Iniciação Científica. Não posso deixar de agradecer a todos os funcionários do Campus VI da Universidade do Estado da Bahia e aos professores do curso de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas, por todo suporte dado e conhecimento compartilhado.

Gratidão!

*“(...) diziam que o filho de Raimundo tava ficando louco, o dia todo naquele
quartinho, que quem estudava demais dava nisso, virava bicha, talvez crente ou,
para eles pior ainda, professor”.*

Ferréz

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo a obra *Capão Pecado* (2016), escrita por Reginaldo Ferreira da Silva, mais conhecido como Ferréz. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica com autores que discutem sobre a Literatura Marginal, como Antônio Hohlfeldt, Robert Ponge e Sérgio Gonzaga, presentes no livro *Crítica Literária em nossos dias e Literatura Marginal* (1981); e sobre a formação da literatura brasileira, com estudos de Alfredo Bosi (1970), Antônio Cândido (2006) e José Guilherme Merquior (2014). Para compreender a literatura marginal presente na obra *Capão Pecado*, houve debates sobre a formação da literatura brasileira e as características dos cânones, chegando à conclusão de que todas as definições opostas às obras canônicas pertenciam a uma literatura marginal. Para definir os elementos que constroem a manifestação literária em destaque foi necessário estudar a obra e a vida do escritor, o que nos levou a discussões do enredo, biografia do autor, linguagem e processos editoriais. Com o intuito de mostrar como os personagens são de suma importância para a definição da literatura, analisamos algumas personalidades e constatamos características que contribuíram para a formação das suas identidades.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Literatura Marginal. *Capão Pecado*. Ferréz. Desigualdade Social.

ABSTRACT

This work has as object of study the work *Capão Pecado* (2016), written by Reginaldo Ferreira da Silva, better known as Ferréz. This is a bibliographic search with authors who discuss Marginal Literature, such as Antônio Hohlfeldt, Robert Ponge and Sérgio Gonzaga, present in the book *Crítica Literária em today's e Literatura Marginal* (1981); and on the formation of Brazilian literature, with studies by Alfredo Bosi (1970), Antônio Cândido (2006) and José Guilherme Merquior (2014). To understand the marginal literature present in the work *Capão Pecado*, there were debates about the formation of Brazilian literature and the characteristics of the canons, coming to the conclusion that all the definitions opposed to the canonical works belonged to a marginal literature. To define the elements that build the highlighted literary manifestation it was necessary to study the work and the life of the writer, which led us to discussions of the plot, author's biography, language and editorial processes. In order to show how the characters are of paramount importance to the definition of literature, we analyzed some personalities and found characteristics that contributed to the formation of their identities.

Keywords: Brazilian Literature. Marginal Literature. *Capão Pecado*. Ferréz. Social inequality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA	11
2 LITERATURA MARGINAL.....	16
2.1 O AUTOR (FERRÉZ)	18
2.2 <i>CAPÃO PECADO</i> : UM RETRATO DE CAPÃO REDONDO	21
3 ANÁLISE DOS PERSONAGENS.....	26
3.1 WILL E DIDA.....	27
3.2 RAEL	29
3.3 CAPACHÃO.....	35
4 O TODO E AS PARTES: CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

Durante a realização da pesquisa, foi analisada a literatura marginal na obra *Capão Pecado* (2016), escrita por Reginaldo Ferreira da Silva, conhecido como Ferréz. O livro é dividido em cinco partes e conta a história de um triângulo amoroso, e o cotidiano da favela Capão Redondo. A linguagem usada é marcada pela oralidade, possibilitando a sensação de estar dentro da história, vivenciando a realidade descrita no livro.

Capão Pecado provoca questionamentos sociais, estimulando o leitor a refletir sobre desigualdade, violência, o papel da mulher, do negro e dos sujeitos periféricos na sociedade, vocalizando experiências reais através dos personagens do livro e denunciando a exclusão que o sistema promove aos marginalizados.

Desta forma, o objetivo central da pesquisa é analisar como é representada a literatura marginal no livro *Capão Pecado* (2016), do autor Ferréz, considerando que o estudo dessa manifestação literária possibilita a sua inclusão no meio acadêmico. A referida pesquisa é de cunho bibliográfico, visto que foi consultado o livro *Capão Pecado* (2016) de Ferréz, relacionando-o com autores que discutem sobre a Literatura Marginal, como Antonio Hohlfeldt, Robert Ponge e Sérgio Gonzaga, presentes no livro *Crítica Literária em nossos dias e Literatura Marginal* (1981) e, para compreender a formação da literatura brasileira, foram utilizados estudos de Alfredo Bosi (1970), Antônio Cândido (2006) e José Guilherme Merquior (2014).

O primeiro capítulo aborda questões em torno da formação da literatura brasileira baseada em três correntes teóricas; o segundo expõe o conceito da literatura marginal, o autor e a obra estudada; e o terceiro apresenta a análise de quatro personagens de *Capão Pecado*, com o intuito de ressaltar os fatores que construíram as suas identidades.

O discurso de sermos uma nação homogênea exclui as diferenças e padroniza o que é aceitável ou não, efetuando que todos os contrastes existentes fiquem à margem da sociedade. Isso não é diferente na literatura: por muito tempo, o poderio literário ficou nas mãos dos mais favorecidos em questões econômicas, raciais, sociais e de gênero, refletindo nas obras a visão que eles tinham do/de mundo e ausentando os sujeitos oprimidos ou colocando-os em papéis secundários e estereotipados.

O movimento da literatura marginal veio para legitimar as expressões periféricas descrevendo uma realidade até então não colocada nas obras literárias, e fazendo com que os excluídos da sociedade se tornem agentes da sua própria história. Levar o livro *Capão Pecado* para as escolas é uma maneira de incluir a literatura marginal no meio acadêmico, dando maior visibilidade às questões sociais presentes na realidade dos sujeitos que estão à margem do sistema.

1 FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA

Inicialmente, iremos fazer uma retrospectiva da formação da literatura brasileira e, para isso, utilizaremos três correntes teóricas: Alfredo Bosi (2006), Antônio Candido (2014) e José Guilherme Merquior (2014).

Para Alfredo Bosi (2006), a origem da nossa literatura começou bem antes, quando o Brasil era colônia de Portugal. A partir desse momento, servíamos como marionetes da cultura da metrópole e as nossas riquezas naturais eram extraídas e levadas para o mercado externo. Só mudaríamos de situação no momento em que fôssemos o personagem principal da própria história.

Desse modo, o marco da formação da literatura brasileira estava nos primeiros escritos. Não era propriamente uma literatura, pois o que prevalecia eram as informações que tinham como intenção situar a metrópole sobre a sua colônia, natureza e o homem nativo. Eram documentos históricos que relatavam sobre o Brasil, por isso é considerado uma *literatura de informação*, como é visto no trecho:

No entanto, a pré-história das nossas letras interessa como reflexo da visão do mundo e da linguagem que nos legaram os primeiros observadores do país. É graças a essas tomadas diretas da paisagem, do índio e dos grupos sociais nascentes, que captamos as condições primitivas de uma cultura que só mais tarde poderia contar com o fenômeno da palavra-arte. (BOSI, 2006, p.13).

Eram textos que tinham sugestões temáticas e formais, podemos perceber esse fato quando a população brasileira procurou reagir contra a influência da Europa, utilizando nos textos informativos elementos que nos remetiam a nossa autoafirmação, como a natureza e o índio.

No livro *História concisa da literatura brasileira*, Bosi (2006) destaca alguns textos informativos que foram essenciais para a formação da literatura brasileira, como a *Carta de Pero Vaz de Caminha*, *Tratado da terra no Brasil* e *História da Província de Santa Cruz a que Vulgarmente Chamamos Brasil*. É válido destacar algumas características desses textos, com o intuito de demonstrar o caráter descritivo das obras.

Quando nascemos, registramos o nascimento por meio de uma certidão, documento que confirma as primeiras informações de uma pessoa, Pensando nisso, a Carta de Caminha é para o Brasil uma espécie de certidão de nascimento.

Na carta há descrições dos índios, natureza, postura que Cabral teve perante os nativos e o que Caminha concluiu em relação ao Brasil, como podemos ver a seguir:

De ponta a ponta é toda praia...muito chã e muito fremeosa. (...) Nela até agora não pudemos saber que haja ouro nem prata...porém a terra em si é de muito bons ares assim frios e temperados como os de Entre-Doiro-e-Minho. Águas são muitas e infindas. E em tal maneira é graciosa que querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo bem das águas que tem, porem o melhor fruto que nela se pode fazer me parece que será salvar esta gente e esta deve ser a principal semente que vossa alteza em ela deve lançar.

Já o *Tratado da terra do Brasil e a História da Província de Santa Cruz a que Vulgarmente Chamamos Brasil*, escritas por Pero de Magalhães Gandavo, são utilizadas como meio de convencer as pessoas a imigrarem para o Brasil, usando as informações para fazer uma propaganda do país.

A causa principal que me obrigou a lançar mão da presente história, e sair com ela à luz, foi por não haver até agora pessoa que empreendesse, havendo já setenta e tantos anos que esta Província é descoberta (Prólogo).

Gandavo era um humanista, católico e se interessava no proveito do Reino. Ele exaltava o Brasil porque esta ainda é proveitosa para metrópole, utilizando termos como “visão do paraíso” para definir a colônia. Assim como nos outros textos informativos, há presença da descrição e não tem nada subjetivo nas crônicas históricas.

Uma das descrições são sobre os índios e a língua tupi que é descrita no olhar de um católico medieval, como é notório no trecho:

Esta é mui branda, e a qualquer nação fácil de tomar. Alguns vocábulos há nela de que não usam senão as fêmeas, e outros que não servem senão para os machos: carece de três letras, convém a saber, não se acha nela F, nem L, nem R, coisa digna de espanto porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei, e desta maneira vivem desordenadamente sem terem além disso conta, nem peso, nem medido (cap. X)

Em contrapartida, Antônio Cândido (2014) acreditava que, no romantismo, era possível encontrar elementos que pudessem explicar a formação da literatura e da cultura brasileira. Quando começou a estudar os romances, notou que a maioria das obras possuíam um eixo dialético entre localismo e cosmopolitismo.

O embate das ideias representava o que acontecia na literatura e no Brasil, um confronto entre o local (Brasil) e as influências da Europa. Dessa forma as obras literárias tinham um caráter político com a intencionalidade de construir uma cultura válida no país, assim os escritores achavam que ao fazer a literatura estavam

construindo uma nação. Outra escola literária considerada, pelo autor, importante para a formação da literatura, é o Arcadismo, visto que grande parte dos seus escritores queriam construir uma literatura que provasse que os brasileiros eram tão capazes quanto os europeus.

Depois de séculos, o Brasil passou de colônia para um país que se integrava na divisão internacional do trabalho. Porém, essa autoafirmação não teve êxito por não ter conseguido se adaptar aos países Europeus. Tínhamos uma economia de exploração, baseada em latifúndios, voltada para o mercado externo e realizada a partir da mão-de-obra escrava. Portanto, o nosso capitalismo não era o mesmo desenvolvido na Europa, inclusive éramos dependentes politicamente e economicamente e a literatura foi uma das maneiras para ajudar na construção de um país livre.

Candido (2014) criou um sistema literário (para ele uma literatura precisa de produtores literários, um público considerável e um mecanismo transmissor), formando a tríade autor, obra e público, que eram unidas pela preocupação de compor uma literatura nacional e autêntica.

Nesse sentido, toda literatura anterior ao Arcadismo e Romantismo, não poderiam ser definidas como um sistema. Existiam obras, mas estas eram esparsas; o público leitor era escasso e não tinham uma característica em comum capaz de criar uma tradição entre autores. Como o autor aborda:

Quando a atividade dos escritores de um dado período se integra em tal sistema, ocorre outro elemento decisivo: a formação da continuidade literária, - espécie de transmissão da tocha entre corredores, que assegura no tempo o movimento conjunto, definindo os lineamentos de um todo. É uma tradição, no sentido completo do termo, isto é, transmissão de algo entre os homens, e o conjunto de elementos transmitidos, formando padrões que se impõem ao pensamento ou ao comportamento, e aos quais somos obrigados a nos referir, para aceitar ou rejeitar. Sem esta tradição não há literatura, como fenômeno de civilização. (CÂNDIDO, 2014, p.25-26)

Então, o que eram os textos escritos antes do Romantismo e do Arcadismo? Eram manifestações literárias, pois não havia o destaque nacional diante das influências europeias, estávamos ainda amadurecendo a nossa personalidade brasileira.

Para compreender em que sentido é tomada a palavra formação, e porque se qualificam de decisivos os momentos estudados, convém principiar distinguindo *manifestações literárias*, de *literatura* propriamente dita, considerada aqui um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase. "Estes denominadores são, além das características internas, (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora

literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns aos outros. O conjunto de três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece sob este ângulo como sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade (CÂNDIDO, 2014, p.25).

Só com a tríade obra, leitor e público, unida pela preocupação com a construção da nacionalidade, que a literatura poderá ser autêntica e ter um sistema. Por isso que Candido (2014) defendeu que a literatura do Romantismo e do Arcadismo eram válidas, pois existia a tríade e a preocupação com a construção de uma nacionalidade autêntica. No Romantismo, os elementos nacionais eram mais destacados que as influências europeias, através do nacionalismo ufanista e idealização do herói (índio) e no Arcadismo existia a exaltação de construir uma literatura como uma maneira de provar a capacidade dos brasileiros, mostrando que somos tão bons quanto os europeus.

Merquior (2014) não pensava como Cândido (2014). Para ele, a literatura brasileira teve os seus primeiros escritos no Barroco, considerado como uma fase inicial dos tempos modernos. Na época que surgiu o barroco, o Brasil estava passando por transformações na economia, com o capitalismo; no âmbito político, com o aumento da influência europeia interna e externa; na ciência moderna; e na ordenação teocrática, religiosa, social e da vida.

Nesse contexto, o barroco surgiu em uma mistura de elementos que simbolizavam um avanço com a soma de outro elemento que nos dava a ideia de retornar a Idade Média. Ao mesmo tempo, estávamos evoluindo na ciência, na economia e na política. A religião ainda era um fator de ordenação.

Para compreender como o barroco teve o seu início, vamos voltar no surgimento do Renascimento. As ideologias foram modificadas, a razão era valorizada e Deus não era mais o centro de tudo e sim o homem. Com a transferência do eixo econômico para o Atlântico e o movimento da Contrarreforma, houve uma decadência do renascimento. Para tentar amenizar o caos em que o mundo estava seria essencial a restauração da solidariedade e da comunhão social, e naquele momento a única maneira de conseguir era através da religião. Assim, o

barroco surgiu sendo uma transição do velho e o novo Ocidente, inserida entre a decadência do Renascimento e o Iluminismo.

O maneirismo foi um movimento que representou as mudanças que estavam acontecendo na Europa, explorando os assuntos com uma estética nada tradicional e cheios de paradoxos conflitantes. Pela presença das antíteses, muitos acreditam que foi no maneirismo que o barroco teve o seu início. O que diferencia é que os contrastes são solucionados, não eliminando as antíteses, mas encaixando de maneira harmoniosa.

Resumindo: a energia estética da Renascença produziu um estilo uno, composto de elementos basicamente homogêneos; a arte maneirista gerou um estilo formado por elementos heterogêneos contraditórios; a arte barroca, um estilo fundado em elementos heterogêneos e contrários, porém submetidos a uma síntese dinâmica. (MERQUIOR, 2014, p.47-48).

As obras barrocas não eram apenas uma síntese dinâmica, também eram o meio que os jesuítas utilizavam para persuadir os nativos em prol do que queriam. Para isso, estudaram a sua língua, cultura e etnografia para formular poesias e teatros, usando-as para manipular os índios. É visível que os europeus tinham uma forte influência na nossa sociedade e utilizavam a literatura a favor das suas predileções.

Dessa forma, a construção da formação da literatura brasileira vivia em um dueto entre: abandonar a influência da tradição luso-europeia e buscar uma nova tradição de cunho local. Nesse sentido, ocasionou uma divisão entre os escritores em duas vertentes: os que viam a literatura como produto espontâneo e nativo e os que usavam a literatura como uma maneira de trazer a Europa para o Brasil. Como Afrânio Coutinho (1983) aborda,

[...] dois tipos de escritores: os inspirados, telúricos, virgens, intuitivos, que buscam inspiração na terra, no inconsciente; e os requintados, cultos, desenraizados, que se voltam para as fontes culturais europeias, bem definidos por Afrânio Peixoto, quando afirmou que o brasileiro, em vez de ir à Europa, “retornava” à Europa. (COUTINHO, 1983, p.36)

É válido ressaltar que houveram outros fatores que influenciaram a literatura brasileira, como os cânones. O termo é oriundo da palavra grega *Kanóm*, que significa “uma vara de medidas”, ou seja, uma espécie de régua. No âmbito da literatura, o cânone é uma forma de elencar os livros referenciais.

Segundo Leyla Perrone – Moisés (1998), a escolha de algumas obras reflete o prestígio social de determinados grupos culturais. Dessa forma, nem sempre as obras canônicas é a representação da realidade da massa, mas com o avanço da

tecnologia, como a internet, a minoria passou a ter mais acesso à arte, ocasionando na produção de obras que os representem e vocalizem realidades que circulavam à margem dos cânones - a chamada Literatura Marginal.

2 LITERATURA MARGINAL

O termo marginal vulgarizou na língua brasileira designando os habitantes das zonas periféricas que, excluídos do sistema capitalista, procuram meios não convencionais e ilegais para sobreviver. Ao associar o termo marginal nas obras literárias, o seu significado ultrapassa a definição pejorativa, fazendo surgir questões como: a margem de quem e de quê? O que é marginalidade?

Para Sergius Gonzaga (1981) os usos e significados desse termo estão ligados à posição dos autores no mercado editorial, à linguagem utilizada nas suas obras, à escolha dos protagonistas, dos cenários e fatos presentes na obra literária. São obras produzidas artesanalmente e distribuídas pelos próprios autores. A representação do contexto dos oprimidos é relatada nos enredos e, para aproximar com o real, a linguagem é dotada por recursos oratórios, uma escrita menos culta e mais popular, não são obras clássicas e seus escritores pertencem à minoria: negros, homossexuais, mulheres e periféricos. Robert Ponge (1981) define que:

[...] definiremos a literatura marginal como a literatura que, num momento dado, aparece à classe dominante (isto é, à classe dominante e/ou a seus ideólogos, seus críticos, sendo o consenso relativamente unânime) como sendo outra, como não lhe pertencendo. (PONGE, 1981, p.102).

O autor expressa a sua visão de/do mundo nos seus escritos, assim, por muito tempo a literatura era a representação de uma realidade que o outro (mulheres, pobres, negros, trabalhadores) não tinha acesso, visto que inúmeras obras foram feitas por escritores da elite (homens, brancos, moradores dos centros urbanos e de classe média). Os que não pertenciam a um grupo prestigiado culturalmente não eram simbolizados nas obras ou apareciam como personagens de segundo plano e estereotipados.

Os marginalizados, ao se inserir no mundo literário, vão mostrar com o seu olhar as experiências vivenciadas pelos oprimidos, lutando contra a segregação.

O poder aquisitivo não influencia na literatura, não a torna ruim ou boa, não existe esta definição quando a única regra é mostrar a sua ideologia. Como Ferréz (2005) afirma,

Quem inventou o barato não separou entre literatura boa/ feita com caneta de ouro e literatura ruim/ escrita com carvão, a regra é uma só, mostrar as caras. Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto. (FERRÉZ, 2005, p.9).

Através da literatura marginal o foco do enredo é mudado, não aceitando o silêncio e reafirmando a sua identidade. Na entrevista concedida para *Brasil: Almanaque de Cultura Popular*, Sergio Vaz (2013) afirma:

Me perguntam: Posso escrever literatura periférica morando em Moema? Não pode. Ou até pode, mas não vai ficar bom. A literatura grega é feita pelos gregos, a literatura romana é feita pelos romanos. A literatura periférica é feita por gente que mora na periferia. Não é arrogância. É que é coisa nossa.

Ferréz (2005) também concorda que a literatura marginal é feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Ou seja, o contexto do autor tem grande importância para a compreensão da obra, visto que a sociedade em que ele está inserido contribui para a formação da sua identidade, ressaltando aspectos culturais do meio. Como é defendido por Stuart Hall (2006):

A identidade é formada na 'interação' entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo, ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem. (HALL, 2006, p.11).

Como Gaspar (2016, p.174), amigo de Ferréz e um dos colaboradores do livro *Capão Pecado*, aborda:

Politicamente nada mudou, os capitães do mato agora estão fardados. Nas ruas temos que obedecer leis que não ajudamos a criar. Não temos lazer, a informação é escassa – ou você acha que eles querem um maloqueiro feito eu sentado na sala da universidade lado a lado com o filhinho de papai? Jamais. Tem a classe A, a B e nós somos a C, vá lá se for D.(...)

A literatura é ligada com a sociedade. Mesmo as obras com foco na estética e sem os engajamentos sociais, possuem uma ideologia. Todo escritor é moldado a partir do meio em que se insere. Nessa perspectiva, Adriana Facina (1971) aponta que,

Faz pouco sentido afirmar coisas do tipo 'tal escritor estava à frente de seu tempo', pois, ainda que não seja compreendida ou admirada em sua época e só venha a ser consagrada posteriormente, toda criação literária é um produto histórico, produzido numa sociedade específica, por um indivíduo inserido nela por meio de múltiplos pertencimentos. (FACINA, 1971, p.10).

Assim, a obra remete àquilo que está acontecendo no lócus do escritor, que, por sua vez, não é autônomo, ele sofre influências, transferindo aspectos culturais e sociais na literatura.

Com a publicação do manifesto na revista *Caros Amigos*, em 2001, organizada por Ferréz, o conceito do que é uma literatura marginal ficou mais difundido para as pessoas. O autor, ao chamar mais 10 amigos que moravam nas zonas periféricas de São Paulo e do Rio de Janeiro, deu a eles uma oportunidade de explicar o seu estilo literário, divulgando seus textos e relatando o cotidiano. O sucesso foi tão grande que esse projeto ganhou mais duas edições, uma em 2002 e outra em 2004, ampliando para 38 textos no seu acervo.

A revista *Caros Amigos* desempenhou um papel importante para os moradores das periferias quando escolheu como primeiro lugar de venda, as favelas. Reconhecer alguns autores que são periféricos e ler textos que tem uma linguagem oral, constrói uma ponte que liga o leitor ao mundo literário possibilitando novas perspectivas na vida, pois eles se sentem valorizados quando se encontram nas literaturas. Na maioria das vezes, os moradores de um ambiente marginalizado costumam ser notados pelas mídias e revistas com sentidos negativos como: assassinos, ladrões, pobres e drogados.

A partir dessas discussões, é válido ressaltar que a obra e o autor é um dos aspectos principais na composição da literatura marginal. Assim, é de grande importância apresentar a obra *Capão Pecado* e o seu autor, Ferréz, elementos que são trabalhados no decorrer da pesquisa.

2.1 O AUTOR (FERRÉZ)

Reginaldo Ferreira da Silva, mais conhecido como Ferréz, é um autor, romancista, contista, poeta e empreendedor brasileiro. Filho de Raimundo Ferreira da Silva, um motorista, e de Maria Luiza Cotta, uma empregada doméstica, nasceu no dia 29 de dezembro de 1975, no Bairro Capão Redondo, periferia de São Paulo. Ao longo da sua vida, trabalhou como balconista de bar e padaria, vendedor ambulante, auxiliar geral e arquivista, chapeiro numa rede de fast food, entre outras ocupações, e hoje é considerado um dos maiores nomes da Literatura Marginal mundial.

Sua essência e luta já se inicia pelo próprio nome artístico, Ferréz, composição híbrida de dois personagens: O **Ferre** tem sua origem do nome “Virgulino Ferreira”, conhecido como Lampião, um cangaceiro brasileiro que atuou no sertão nordestino. Para muitos ele era um assassino e, para outros, um herói,

pois roubava dos mais ricos para distribuir entre os mais pobres, sendo uma espécie de Robin Hood do sertão; e o **Z**, foi retirado de Zumbi do Palmares, um homem que simboliza luta e resistência. Ele foi o grande precursor do Quilombo dos Palmares, um local que servia de refugio para escravos negros fugidos das senzalas, prisões e fazendas.

A escolha destes nomes não foi aleatória. Reginaldo queria demonstrar a sua essência ao associar duas personalidades que foram deixadas à margem do sistema, como uma maneira de se auto intitular um escritor marginal.

Por ser da favela e por ter permanecido nela mesmo após reconhecimento como autor, Ferréz sabe construir um retrato crítico da situação periférica, já que tudo que acontece nos bairros mais pobres ele presenciou/presencia, utilizando sua dor como aprendizado e refletindo na maneira singular de escrever (o que o diferencia de outras pessoas que não passaram pelo mesmo sofrimento).

A relação do autor com a literatura vem de anos. Desde pequeno, Reginaldo sentia amor pela leitura, começou lendo histórias em quadrinhos e sofreu varias influências do rap e do cordel nos seus escritos. Seu primeiro livro foi *Fortaleza da Desilusão*, publicado em 1997 pela empresa Ética Manpower, onde o escritor trabalhava. É uma obra de poesias concretas e, por ser um livro difícil, quando os moradores da favela foram prestigiá-lo em sua primeira publicação, Ferréz sentiu uma dívida enorme com aquele povo, pois aquelas pessoas não se viam com facilidade na obra. Pensando nisso, o autor criou Capão Pecado.

Além disso, ao ir à livraria, Ferréz não encontrava um livro que representasse ele e os moradores do seu bairro, sentindo a necessidade de escrever para aquelas pessoas. Quando estava terminando Capão Pecado, ele leu a obra Cidade de Deus, de Paulo Lins, e percebeu que poderia escrever o livro sem maquiar a verdade, mostrando como realmente é o Capão Redondo.

As dificuldades encontradas pelo autor para escrever seus livros foram enormes. O primeiro, por exemplo, foi escrito em uma máquina de escrever, e o segundo, em um computador emprestado. Além disso, como Reginaldo expõe, os seus amigos ficavam criticando-o, pois achavam que ser escritor era uma perda de tempo (porque ninguém lia), e para ter retorno ele deveria tocar pagode, cantar rock ou rap, enfim, se envolver com música. Entretanto, o que o autor acreditava era que não existia um livro em que as pessoas da favela se identificassem para sentir vontade de ler.

Quando lançou *Capão Pecado*, ele encontrou outro obstáculo: percebeu que nem a classe média e nem a rica liam sua obra, e o seu grande desafio foi divulgá-la, a fim de despertar a vontade da leitura nesse público, o público consumidor. Feito isso, a popularidade e sucesso do livro foi tão grande que as pessoas acabaram o considerando como primeira obra de Ferréz, abrindo portas e lhe dando oportunidades de escrever crônicas e ensaios em um meio de comunicação mais acessível à crítica e ao público.

O escritor teve um papel fundamental na divulgação da Literatura Marginal na revista *Caros Amigos*, na qual foram lançadas três edições, em 2001, 2002 e 2004. Foi também conselheiro editorial do jornal *Le Monde Diplomatic Brasil*, que pertencia ao Instituto Paulo Freire e do Instituto Polis; além de ser rapper, ativista social, ligado ao movimento Hip Hop, microempresário e sócio fundador da marca 1DASUL, na qual patrocina projetos culturais/áudios-visuais da periferia.

Ferréz supera os limites que separam a maioria pobre - que moram nas favelas, da minoria rica - que moram nos centros urbanos. A sua narrativa não se limita apenas ao seu bairro de origem, abrangendo outras favelas de São Paulo e outras cidades como Belo Horizonte, Salvador e Rio de Janeiro, ultrapassando os limites geográficos e expandindo para fora do Brasil (visto que suas obras e contos foram publicados em vários países e traduzidos para outras línguas).

O estigma de ser autor “de um livro só” estava cercado Reginaldo até que, em 2003, ele lançou o *Manual Prático de Ódio*, pela editora Objetiva, que apresenta Ferréz como um escritor que “desenvolveu sua vocação procurando amorosamente decifrar o cotidiano violento da periferia”. O livro conta a história da violência urbana, mostrando o outro lado dos bandidos, relatando que estes não eram apenas batedores de carteiras, mas também tinham sonhos, buscavam se encontrar na vida, acertavam, erravam, e o que os tornavam diferentes daqueles que eram roubados eram as desigualdades sociais que dividiam o país.

Em 2005, o escritor experimenta outro gênero da literatura e publica o seu primeiro livro infanto-juvenil, “*Amanhecer Esmeralda*”, pela Editora Objetiva. O livro traz, como nos outros, questões sociais, só que do ponto de vista de uma criança, abordando todas as suas dificuldades e ressaltando a importância do jovem da periferia ter orgulho de onde veio, nunca esquecendo a sua cultura e trajetória.

Em 2006 lança o livro “*Ninguém é inocente em São Paulo*”, que possui contos, crônicas e ensaio do autor. No mesmo ano, escreve uma peça teatral

dirigida por Débora Dubois, Lisístrata: “Sexo, drogas e greve”; e publica seu livro em história em quadrinhos, “Os inimigos não mandam flores”, da Editora Pixel e parceria com o desenhista Alexandre de Mayo.

Mas só foi no livro “Deus foi almoçar” (2012), um trabalho de oito anos, que apareceu outra versão de Reginaldo: um escritor mais calmo, mas nem por isso mais otimista. No entanto, os temas que ele tanto falava nas suas outras obras, já não eram mencionados, e a luta que existe na vida do personagem principal do livro, Calixto, era uma luta interna. O nome do livro nasceu da imaginação do autor que, um dia ficou imaginando como seria se Deus fosse dono de um local e fechasse para almoçar. Imaginou uma pessoa indo orar e outra falando que agora não dava porque Deus tinha saído e deixado às coisas daquele jeito. Assim, o título do livro nasceu.

Para falar desde autor multimídia, visto que a arte dele engloba não só os meios literários, mas também da música, programas de televisão e teatro, é necessário compreender que ele produz material que denuncia as condições subumanas de muitos moradores das zonas periféricas, conscientizando a população a lutar contra esse sistema de desigualdade social. A luta não é sair com armas nas ruas ou praticando atos de violência, é uma guerra social por uma vida melhor.

2.2 CAPÃO PECADO: UM RETRATO DE CAPÃO REDONDO

Antes de iniciarmos uma análise sobre a obra Capão Pecado, é relevante localizar o ambiente em que o enredo acontece.

Capão Redondo é um bairro periférico de São Paulo - SP e ganhou este nome pelo formato arredondado do terreno. Sua região foi considerada município até o ano de 1935, quando foi intitulada como um dos distritos de São Paulo. Por ser um local que servia de encontros para fazendeiros, pescadores e caçadores, atraiu a chegada de novos moradores das regiões vizinhas, aumentando a sua população. Na própria obra em análise, Capão Pecado, a origem do nome é explicada pelo autor:

Era muito pequeno. Como antes, não entendia o nome do lugar; Capão Redondo era um nome muito estranho, e o que tinham explicado era que o nome fora tirado de um artefato indígena, pois os índios faziam um cestão de palha que tinha o nome de capão, e vendo essa área de longe se tinha a

impressão de ser uma cesta. Colocaram o nome de Capão Redondo, ou seja, “uma grande cesta redonda”. (FERRÉZ, 2016, p.20).

O livro *Capão Pecado* expõe as dificuldades e a rotina de um morador do bairro Capão Redondo, local onde o autor Ferréz nasceu e residiu por bastante tempo. É uma obra marginal por abordar assuntos sobre uma população deixada à margem da sociedade e em condições subumanas, marcada pelo recurso da oralidade, o que aproxima o público leitor do enredo. O livro é envolvente, pois ao lermos a obra sentimos, em alguns momentos, que estamos participando do livro e presenciando os fatos narrados.

Ferréz assume o papel de voz coletiva de vários moradores periféricos. A ficção de sua obra parte de experiências que ele vivenciou, não deixando de ser um testemunho de como é a rotina e os desafios do Capão. Por isso, para muitos críticos, o livro é considerado uma prosa documental ou testemunhal.

Nesse sentido, é válido ressaltar o conceito de testemunho. Segundo Marcio Seligmann-Silva (2009),

O conceito de testemunho tornou-se uma peça central na teoria literária das últimas décadas devido à sua capacidade de responder às novas questões (postas também pelos estudos pós-coloniais) de se pensar um espaço para a escuta (e leitura) da voz (e escritura) daqueles que antes não tinham direito a ela. Daí também este conceito ter um papel central nos estudos de literatura de minorias.

Na página 27 do livro *Capão Redondo* temos um exemplo de testemunho, quando o autor relata uma ação policial ocorrida em um bar no bairro:

Todo baile que surgia não passava de duas semanas e acabava, ou era por causa de morte ou por causa dos policiais. Inclusive na Cohab tinha um som em frente ao bar do Quitos, tinha noite que chegava a ter mais de duas mil pessoas curtindo o baile, o som já tinha mais de anos e era muito difícil sair alguma confusão, até que numa sexta-feira, quando o som estava lotado, uma viatura da Rota veio em toda velocidade e partiu pro meio do povão, sem mais nem menos. Mais de dez pessoas foram atropeladas e muitas acabaram com contusões, pois foram pisoteadas na correria. O Quitos, que era dono do bar, e os vizinhos ligaram pra polícia; chegaram várias viaturas, mas os tenentes acabaram sendo coniventes, e até hoje não deu em nada, só resultou no fim do baile. (FERRÉZ, 2016, p.27).

No momento em que lemos este trecho, só nos remete aos noticiários que passam na televisão, e o mais impactante é a semelhança do fragmento com o dia 01/12/2019 em que nove pessoas morreram pisoteadas em tumulto após ação da Polícia Militar durante baile funk em Paraisópolis – SP. Assim, percebemos que *Capão Pecado* ultrapassa a definição de ser uma ficção e muitas coisas que o livro aborda são fatos recorrentes que acontecem nas favelas, como morte executada de

forma fria por causa de dividas no trafico, discriminação, a maneira como a mulher é tratada, a luta para ter uma casa e um emprego, etc.

Mano Brown, famoso rapper e compositor brasileiro, fala da sua experiência como morador do Capão e das dificuldades que os moradores vivenciam no bairro, fruto das desigualdades sociais. Isso já existia desde a sua formação, visto que os seus primeiros moradores pertenciam à população pobre e excluída que era esmagada pela minoria rica.

Sem pretensão, nós aqui do Capão nunca ia conseguir chamar a atenção do resto do mundo, porque da ponte João Dias para cá é outro mundo, tá ligado.

Eu nem sei o significado do nome Capão nem por que seria Redondo.

Eu era bem pivetinho e já ligava o nome Capão Redondo a sofrimento, 80% dos primeiros moradores ou quase primeiros eram nordestinos, analfabetos, gente muito humilde, sofradora que gosta das coisa certa.

Gente igual minha mãe.

São Paulo massacra os + pobres e aqui no extremo sul eu senti na pele o que é ser preto, pobre, filho de mãe solteira negra que veio da Bahia com doze anos de idade, aprendi a não gostar da policia, sei o que é andar muito loko três, quatro dias direto e nem por isso atravessar o caminho de ninguém.

(BROWN, 2016, p.158-159).

Nesse contexto, o livro *Capão Pecado* é uma obra que expõe um lado da cidade de São Paulo que por vezes parece pertencer a outro mundo, como se sua fronteira fosse um muro de diferenças econômicas. Ainda que alguns moradores saiam de suas casas para resolver algumas questões na outra parte do mundo que fica “da ponte João Dias para lá”, eles não sentem que pertence aquele ambiente, pela forma como são tratados pelas outras pessoas. Um episódio do livro nos mostra com mais clareza essa indiferença, quando Rael, personagem principal, vai receber o pagamento da sua mãe:

Não tendo escolha, Rael tomou um banho rápido, se arrumou e foi para o bairro da Liberdade. [...]

Ele tinha nojo daqueles rostos voltados para cima, parecia que todos eles eram melhores que os outros. Se seu pai estivesse com ele, com certeza já teria dito: ‘Esquenta não, filho, eles pensam que têm o rei na barriga, mas não passam dessa vida sem os bicho comê eles também. Os mesmos bichos que comem nós, come esses filhas da puta; lá embaixo, fio, é que se descobre que todo mundo é igual’. (FERRÉZ, 2016, p.28).

Ao receber o salário da mãe e voltar para o Capão, Rael lava seu rosto como uma forma de limpar-se dos olhares de discriminação que recebeu, mostrando o incômodo que os moradores do Capão sentem diante dessas situações.

Entregou o dinheiro para sua mãe, correu para o tanque, lavou o rosto como forma de desabafo, como se estivesse se lavando dos olhares daquelas pessoas hipócritas. Foi para seu espaço naquela pequena casa, pegou um livrinho de bolso de faroeste e começou a ler. Era uma terapia para ele, uma

forma de esquecer aquelas pessoas tão preocupadas consigo mesmas a ponto de não notarem as pequenas coisas, os pequenos momentos, que às vezes trazem tanta felicidade. (FERRÉZ, 2016, p.29).

Além de Rael, a trama também acontece em torno dos seus amigos: Will e Dida, irmãos que são levados pelo ganho fácil de dinheiro no tráfico; Burgo, que é envolvido com crimes e tinha a “função” de executar os companheiros de uma forma fria; Matcherros, que passa toda narrativa jogando videogame; Paula, um moça bonita que inicia a trama namorando Matcherros e se apaixona pelo amigo do namorado; Capachão, que se parece com Rael (ambos trabalhando em atividades braçais e pouco remuneradas), mas o fim desses personagens são diferentes: Capachão torna-se policial e Rael é morto por Burgos após matar o patrão por ser amante de sua esposa.

No decorrer da narrativa, é notório que os personagens se modificam a partir das suas interações com o meio. Capachão, por exemplo, mesmo se tornando policial, inicialmente continua escutando músicas que falam das injustiças que os policiais cometem contra o seu povo, os pobres e periféricos. No final do enredo, porém, ele é visto agredindo mulheres e usando da violência contra seus conhecidos, o que confirma que ele passou para o lado opressor.

Um ponto bastante presente na obra são as questões voltadas às desigualdades sociais e econômicas. É perceptível, a todo momento a divisão de classes das cidades, separadas pelas pessoas que têm o domínio monetário e pelas que não possuem. Logo no primeiro capítulo, temos um diálogo que exemplifica esta desproporção econômica:

- Aí, mano! Eu bebo todo dia, cê tá ligado?
- Fumo pra cecete, mano, durmo sempre aqui em frente à vendinha da Maria.
- Já vi de tudo aqui no Capão, coisas que até o diabo duvida, mano, cê tá ligado?
- Sobrevivo comendo coisas que ganho, mano, e até reviro os lixo, é mó treta com os cachorros, cê tá ligado?
- Já fui esfaqueado duas vezes, mano; uma pelo Luís Negão e a última foi pelo Sandrinho e pelo China, uns moleques forjado da porra.
- E agora você pensa: tudo isso e eu ainda tô vivo, mano. (FERRÉZ, 2016, p.19).

Essa divisão de classes é tão forte em Capão Redondo que seus moradores sofrem as consequências e recebem vários estereótipos negativos ligados ao crime. É comum seus habitantes ao procurarem emprego, mentirem o seu endereço, colocando o nome de algum distrito próximo ao Capão, como Santo Amaro, por receio de não serem contratados devido o preconceito.

No decorrer do romance, notamos várias reflexões do personagem Rael referentes ao seu descontentamento com o seu cotidiano, ao desejo de mudança e à recusa em permitir que o sistema o engula, procurando sempre evoluir através dos livros que lia. O enredo se baseia em um romance de Rael com Paula, namorada do seu melhor amigo, que o fez tomar atitudes que o levaram à prisão, onde foi tragicamente morto.

O processo de publicação e aceitação do livro não foi fácil. Ferréz, em uma entrevista concedida a Mario Augusto Medeiros da Silva, em 16/05/2007, fala das dificuldades que teve:

Eu fiz o Capão Pecado, mandei prá Casa Amarela, mandei prá Companhia das Letras, mandei prá Objetiva, mandei prá Globo. Mandei prá todo mundo que eu conhecia. E as respostas eram sempre as mesmas. “No momento, a gente tem outro livro nessa mesma linha.” E aquelas respostas-padrão, que a editora manda prá todo mundo, tá ligado? Ai eu comecei a divulgar o livro. Fiz quatro bonecos do livro, numa casa de xérox, que um amigo meu trabalhava, ele fez prá mim, aí catei o livro ... Nessa época, eu tinha um computador, um Macintosh. Eu vendi esse Macintosh e com o dinheiro, falei: “Vou divulgar o livro”. Ai catei e fiz quatro amostras desse livro, deixei uma com o [Mano] Brown, prá ele fazer o prefácio, fiquei com três. Eu tenho um amigo meu, que é de um grupo de rap, Cobra, que é do Conexão do Morro, aí falei prá ele: “Tô com esse livro aqui, tal”. Ele falou: “Da hora! Vou te apresentar um amigo meu, Fernando Costa Neto, que ele é dono do Notícias Populares, de repente se ele se interessar, ele faz uma materinha lá e já te ajuda”. Eu falei: “Beleza”. Ele falou com o cara e o cara mandou eu ir lá, mano. Falo: “Putá, isso aqui é uma puta matéria, mano!”. Aí tava passando o João Wainer na hora. O João Wainer falou assim: “Quê que é isso aí?” [Ferréz] “É um livro de periferia que eu tô fazendo ...” [Wainer] “Caralho, mano! Tem uma fotos aí do Capão. Cê quer?” Falei: “Quero”. Aí ele me deu um monte de foto na hora. Aí eu falei: “Bom, já tenho foto prá por”. Eu não tinha foto! Aí, saiu a matéria: “Escritor prepara livro no bairro de Mano Brown”... E aí a Folha [de São Paulo] ligou pro cara e falou; “A gente tá a fim de fazer uma matéria”. Aí o Fernando me ligou: “Os caras da Folha tão a fim de fazer uma matéria”. Eu pedi dinheiro prá minha mãe, prá comprar esse jornal, quando saiu a matéria, e o jornalista – o Ivan Finotti – falou prá mim: “Eu vou publicar só se for bom o livro, hein?” Aí eu falei assim: “Mas eu não tenho como imprimir o livro”. Eu não tinha como imprimir o livro. Ele pegou as folhas da Folha de São Paulo, quinhentas folhas, e me deu, mano! Roubou lá e me deu. Falou: “Toma”. [Saiu na Folha] Uma foto minha gigante, com os braços assim cruzados, né, mano? E aí, cara, aquele dia choveu ...! Mano, veio gente das editoras na minha casa, mano! Não é nem que ligaram: veio gente! Tinha quatro, cinco carros: tinha SBT, tinha Record, tinha cara de editora. [E o livro] Não tava pronto. Era só o original, só o boneco!

O sucesso foi tão grande que o livro foi publicado em outros países e traduzido em outras línguas, o que levou o autor a ser manchete de jornais franceses e espanhóis. Capão Pecado serviu como uma porta de entrada que levaria Ferréz ao reconhecimento do público. Em 2005, esse sucesso se intensificou com a segunda edição do livro, pela Editora Palavra, do grupo ASA, em Portugal; e

com o seu lançamento pela Editora Objetiva. É válido ressaltar que, no início da carreira, Ferréz buscou apoio nessa editora, o que evidencia o fato de como o seu primeiro romance foi um divisor de águas na sua vida.

3 ANÁLISE DOS PERSONAGENS

Analisar os personagens da obra *Capão Pecado* se faz extremamente importante para compreendermos a trama e a trajetória de cada um dentro do livro, especialmente os fins trágicos que tiveram. É imprescindível buscar assimilar os aspectos que construíram a identidade desses indivíduos, definindo os padrões de comportamento e expectativas estabelecidas pelo meio social no qual estão inseridos. A escolha dos personagens a serem analisados se fez com base nos fatos mais impactantes e no envolvimento na trama.

Os primeiros personagens analisados foram Will e Dida. Os irmãos só aparecem, brevemente, na primeira parte do livro, mas a história deles é uma das mais marcantes, levantando vários questionamentos para tentar entender o fim que eles tiveram.

Um outro personagem analisado foi Rael, personagem principal do livro e que, apesar de conviver diariamente com a violência e o crime, opta sempre por trabalhar e estudar, com o intuito de ter uma vida e uma morte diferente da dos seus amigos. Infelizmente, se perde por conta do seu amor por Paula e tem um fim tão trágico quanto dos outros. Paula é uma peça fundamental no romance, mas, por a obra não apresentar muitos elementos do seu ambiente social e da sua relação com familiares e amigos, não consideramos relevante analisá-la.

Por fim, analisamos Capachão, um rapaz que se torna policial, passando da condição de oprimido para opressor. Sua conduta nos leva a pensar no conceito de Denys Cuhe (1999) sobre estratégia de identidade. Cada indivíduo é composto por várias referências identificatórias, ou seja, sua identidade recebe influências de vários aspectos e sofre alterações ao longo da vida. Essas variações na personalidade são chamadas de estratégias de identidade. Uma delas é ocultar a sua identidade para escapar de discriminações.

Nesse contexto, apresentaremos a seguir, a trajetória dos personagens selecionados na obra, revelando a sua identidade social virtual e a sua identidade social real. A primeira, de acordo Erving Goffman (1988), é definida pelo o que um

grupo social que o indivíduo pertence espera deste; e a segunda é o que o indivíduo realmente é, as suas características.

3.1 Will e Dida

Os irmãos Will e Dida eram amigos de infância de Rael. Por confusões criadas pelo pai, tiveram que se mudar para Paraisópolis e perderam por algum tempo o contato com os amigos do Capão Redondo. Sair do bairro foi o divisor de águas na sua família, pois os garotos que até aquele momento não se envolviam com drogas, tornaram usuários.

Em um trecho do livro os irmãos chegaram à casa de Rael e este percebeu que os amigos estavam diferentes, abatidos e magros. A sua mãe, por ter contato com a mãe dos meninos (Maria Bolonhesa), sabia o que estava acontecendo e o alertou: “Deixa eu terminar, meu fio, a encrenca toda foi armada porque eles se envolveram com as pedras, e cê sabe que desse tipo de droga ninguém sai vivo “ (FERRÉZ, 2016, p.38).

A opção de expor o que estava acontecendo foi a maneira que Dona Maria utilizou para alertar o seu filho Rael a não andar mais com os amigos de infância, pois eles não eram mais os mesmos e estavam de volta ao bairro para fugir de uma morte decretada. O primeiro a morrer foi Dida. Morto com um tiro nas costas quando estava indo à casa de Rael e, como de costume ali, o seu corpo nem foi examinado pelos legistas.

Duas horas depois, a Tático Sul chegou ao local, cobriu o corpo com um lenço pedido a uma vizinha. Ficaram comendo carniça por mais de seis horas quando o IML chegou e foi logo retirando o corpo. O pessoal nem estranhou o fato de os legistas não terem examinado o corpo, todos por ali já estavam acostumados com o descaso das autoridades. (FERRÉZ, 2016, p.43).

Will morreu em seguida. Todos já estavam preparados para a sua morte, pois a informação que o garoto devia um traficante em Paraisópolis, Azeitona, foi difundida entre os moradores.

Alguns minutos depois, muitas pessoas já estavam em volta de Will, que estava com um ferimento na cabeça e ainda tremia; dona Maria Bolonhesa correu logo que soube do acontecido, abaixou-se, abraçou o filho fatalmente baleado e chorou, chorou, chorou... (FERRÉZ, 2016, p.44).

É interessante a reflexão que o livro faz sobre execuções por dívidas no tráfico. Não é apenas pelo dinheiro, eles temem em deixar alguém fazer uma dívida

e não pagar, pois faria com que todos pensassem que dever aquele traficante não teria consequências e assim o respeito acabaria. “A lei na quebrada não é a quantia, mas o respeito, que deve, acima de tudo, prevalecer.” (FERRÉZ, 2016, p. 91).

O pai dos garotos é Raulio. Ele foi preso injustamente e não sabia da morte do seu filho Dida, nem esperava que Will fosse morrer. Ele estava voltando para casa quando um policial o abordou para verificar sua documentação. A polícia militar duvidou se ele tinha cumprido a sentença na cadeia ou se tinha participado de uma fuga e para solucionar esta questão, Raulio ficou preso por uma semana até decidirem o que fazer com ele.

Esse é um dos episódios mais indignantes da obra. Por uma dúvida e indiferença da polícia, Raulio foi impedido de saber da morte de um filho e de ver o seu outro filho com vida. Entretanto, isso fez com que ele, de certa forma, escapasse da morte.

Depois de liberado, Raulio chegou em casa, abriu a porta e teve à frente de seus olhos a pior visão que um homem pode ter: Dona Maria Bolonhesa, sua esposa, mãe de seus filhos, estava pendurada por um fio de cobre, amarrado ao teto, e a barriga dela estava cheia de furos. (FERRÉZ, 2016, p.44).

Os assassinos de Will e Dida executaram a vingança e por medo de Maria Bolonhesa entregá-los para a polícia, mataram-na também. Se o pai dos meninos estivesse solto, ele também seria assassinado pelo mesmo motivo.

O desfecho da história dessa família levanta algumas questões: Esse final trágico pode ter alguma relação com a mudança deles para Paraisópolis? E se eles nunca tivessem saído de Capão Redondo, ainda estariam vivos?

Segundo Katia Elizabeth Puente-Palacios e Jacob Arie Laros (2009), os sujeitos que estão inseridos em determinados grupos sociais (bairros, escolas, amigos, etc.) estão condicionados a estímulos semelhantes. Com isso, a mudança de um ambiente para outro, ocasiona diversas transformações. Dessa forma, ao sair do seu bairro de origem às pressas e à força, Will e Dida tiveram sua personalidade modificada. Puente-Palacios; Laros, afirma que “ [...], portanto, se o objetivo é melhor compreender o comportamento dessas pessoas, é tão importante investigar o efeito de suas características do contexto do qual recebem influência.” (PUENTE-PALACIOS; LAROS, 2009, p.351)

Apesar de Capão Redondo também ser um bairro perigoso e de estarem convivendo a todo o momento em meio às drogas, violência e crime, os irmãos

nunca haviam se envolvido com nenhuma dessas coisas, pelo contrário, eram meninos com comportamentos exemplares.

As características do personagem Rael, estudioso e preocupado com o futuro, influenciou a construção da identidade dos irmãos, analisando que estes tinham um maior contato com o filho de Maria. O afastamento pode ter sido um fator decisivo para a entrada de Will e Dida no “mundo das drogas” e do crime, pois agora eles eram influenciados por outros sujeitos em outro contexto.

Quando a mãe de Rael fala sobre o que está acontecendo na vida dos garotos, Rael fica incrédulo, pois não era do feitio dos seus amigos se envolverem nesse tipo de situação. “- Mas mãe, isso é mentira! O Will e o Dida não são disso não, eu sei [...]” (FERRÉZ, 2016, p. 38).

Como visto, o pai foi o único da família que sobreviveu. O mais curioso é que foi por causa dele que sua família foi parar em Paraisópolis, lugar onde tudo se transformou. Deixar o pai vivo pode ser interpretado como uma forma de castigá-lo, pois ele irá conviver com a culpa de ter levado seus filhos para outro lugar, favorecendo o contato deles com o mundo das drogas.

3.2 Rael

Filho de dona Maria (doméstica) e de Zé Pedro (sem emprego fixo), Rael – nome que pode fazer uma alusão à palavra Real – vive com a família em uma casa simples. A sua relação com os moradores é amistosa, possui amigos de infância e um melhor amigo, Matcherros.

Rael tinha uma vida normal. Ao acordar via o seu pai arrumado para trabalhar, e a sua mãe sempre levava café com leite em sua cama. A necessidade de ter roupas e material escolar fez com que Rael procurasse um emprego na padaria, transformando o jovem que recebia café da manhã na cama para um jovem com responsabilidades de adulto.

Diferente de alguns dos seus amigos, Rael nunca se conformou com a sua situação causada pela desigualdade social e com o preconceito que os pobres, pretos e favelados sofriam.

Rael fechou os olhos e tentou orar, mas não conseguiu. Ele viu tudo errado, o pai que degolou o filho em um momento de loucura química, a mãe que fugiu e deixou três filhos, a grande manipulação da mídia que elege e derruba quem quer, a forte pressão psicológica imposta pela família, o preconceito racial, o pastor que em três anos ficou rico, o vereador que se

elegeu e não voltou para dar satisfação, o dono de banco que recebe ajuda do governo e tem um helicóptero, os empresários coniventes, covardes, que vivem da miséria alheia, a mulher grávida que reside no quarto de empregada, o senhor que devia estar aposentado e arrasta carroça, concorrendo no trânsito com carros importados que são pilotados por parasitas, o operário da fábrica que chegou atrasado e é esculachado, o balconista que subiu de cargo e perdeu a humildade, o motorista armado, o falso artista que não faz porra nenhuma e é um viado egocêntrico e milionário, o sangue de Zumbi que hoje não é honrado. (FERRÉZ, 2016, p.61-62)

Um dos momentos que marcaram sua vida e o fez perceber como eles eram tratados pelos mais ricos, foi no Natal. Para começar, a árvore natalina da sua casa era um cabo de vassoura em um pote de margarina com cimento e quatro varetas de bambu que continha pedaços de algodão na sua ponta.

Na noite de natal, ele, seu pai e sua mãe estavam reunidos ao redor da árvore conversando, até o diálogo ser interrompido por alguém batendo no portão. Zé foi logo atender e para sua surpresa, era um carteiro que trazia consigo um cartão de Natal, cujo envelope possuía o símbolo da empresa na qual trabalhava, a Metalco. A felicidade tomou conta da sua família, pois pensaram que para o chefe se importar a ponto de mandar um cartão natalino, Zé devia ser muito importante. Rael ficou com o fato na sua cabeça e algo incomodava, resolveu então acordar no meio da noite e pegar o cartão.

Rael leu o cartão:

“Um Feliz Natal e que seja feliz você e toda a família, isso é o que nós da Metalco desejamos a todos nossos funcionários. Amor & Paz!”

Rael continuou a observar o cartão, notou que atrás havia letrinhas minúsculas e, curioso, as leu.

“Cartão comprado de associações beneficentes com efeito de abate de imposto de renda.” (FERRÉZ, 2016, p.22).

Percebendo que a sua família não tinha importância, o sentimento de Rael se transformou em tristeza. Concluiu que eles não foram lembrados pela empresa, e sim usados para abater o imposto de renda.

Neste momento, houve a consciência de classe no personagem. Rael observou que existiam grupos formados a partir do poder monetário, estes defendiam os seus interesses. Dessa forma, para empresa Metalco, a sua família era objeto de lucro.

Na medida em que milhões de famílias vivem sob condições econômicas de existência que separam seu modo de vida, seus interesses e a sua cultura daqueles das outras classes e as colocam em posição hostil a essas outras classes, elas formam uma classe. (MARX, 2000, p.180).

A vida de Rael era agitada; trabalhava, estudava e fazia um cursinho de datilografia. Quando chegava em casa, dificilmente encontrava a mãe acordada. Dona Maria era uma batalhadora, trabalhava limpando casa e estabelecimentos. O seu pai, com o passar do tempo tornou-se um alcoólatra.

Como não estava passando nada que prestasse, foi ao quarto da mãe e a viu dormindo; o pai estava no chão ao lado da cama, totalmente sujo. Ele tentou entender com um homem pode perder todo o caráter diante do álcool, mas decidiu não pensar nisso, não iria perder seu tempo novamente [...] (FERRÉZ, 2016, p.65).

Zé Pedro não aparece muito no livro e quando surge é visto caído bêbado nos cômodos da casa e ninguém sabe o que ele faz direito. Rael tinha uma visão bem consolidada em relação à desigualdade. Ele conseguia perceber o quanto a distribuição de renda era injusta: os menos favorecidos trabalhavam no pesado e sustentavam o país nas costas enquanto a classe média e alta usufruía de todo luxo e riqueza. Lúcio Kowarick (1999) explica que se analisarmos a sociedade no âmbito econômico e social, é possível perceber uma classe marginalizada que constrói uma população assalariada com rendas baixas, levando uma vida precária e sem proteções sociais. Na página 27 do livro, em uma conversa com o pai de Matcherros, Rael mostra sua indignação ao afirmar: “Tá certíssimo, seu Lucas, esses malucos aí ganham dinheiro às nossas custas, é carro importado, chapéu de dois mil dólares [...]” (FERRÉZ, 2016, p.27).

Rael encontrava refúgio dessa realidade cruel nos livros. Ler e estudar eram um dos seus afazeres preferidos. O escape que seus amigos procuravam nas bebidas e drogas, ele buscava na literatura. Ler era sua forma de relaxar e sempre que estava passando por alguma atribulação, pegava um livro e ia para o seu pequeno quartinho. Foi assim, por exemplo, quando soube da situação em que se encontravam seus amigos de infância Will e Dida, que corriam risco de morrer.

Rael concordou com a tese do amigo e ficou mais preocupado, ainda mais porque sabia que Burgos era sangue no olho e que, se ele tava na treta, nada mais poderia ser feito pelo Will. Resolveu ir para casa, pegou outro livrinho de bolso e começou a ler após tomar banho; alguns minutos depois, cochilou e só teve força nos braços para pôr os óculos na cadeira que ficava ao lado de sua cama, servindo de criado-mudo. (FERRÉZ, 2016, p.39).

A literatura é essencial para a formação do sujeito, pois através dela o ser humano é inserido em um mundo de possibilidades e valores, oferecendo novas perspectivas de vida levando-os a uma inovação na postura em relação à sociedade.

Nem eu seria idealista a ponto de pensar que às imensas multidões, às quais faltam pães e remédios, a literatura poderia trazer alívio. Mas uma observação eu gostaria de fazer: aqueles desgraçados que, reunidos em bandos sem objetivos, matam jogando pedras dos viadutos ou ateando fogo a uma menina, sejam eles quem forem afinal, não se transformaram no que são porque foram corrompidos pelo newspeak do computador, mas porque foram excluídos do universo do livro e dos lugares onde, através da educação e da discussão, poderia chegar até eles os ecos de um mundo de valores que chega de e remete a livros. (ECO, 2003, p. 12).

Além da vontade de estudar, Rael também tinha o desejo de encontrar um emprego melhor e ajudar sua mãe. Por sorte, um amigo (South) o informou que estavam contratando pessoas para trabalhar na metalúrgica e, pelas suas metas de vida, Rael foi em busca do emprego conseguindo a única vaga de ajudante disponível.

Nesta fábrica ele conheceu Paula, a namorada do seu melhor amigo. No primeiro momento, ele não a reconheceu e enxergou nela uma mulher interessante e bonita. Só depois, quando ela o cumprimentou, percebeu que se tratava da namorada de Matcherros.

Rael finalmente chegou à metalúrgica, tocou a campainha e logo foi atendido por uma bela garota de olhos castanho-claro, cabelo extremamente negro, rosto angelical e um corpo escultural. Ele a estava admirando, quando ela de repente falou:
- Oi Rael, o que está fazendo aqui? (FERRÉZ, 2016, p.48).

Desde então, começou a sentir uma atração por Paula, o que o deixara com um sentimento de culpa. Arthur W. Staats (1996) expõe que os estímulos recebidos pelo sujeito irão modificar o seu comportamento, se for um estímulo positivo o indivíduo se aproximará, mas se for negativo, existirá uma fuga. Paula e Rael ficaram amigos pelo sentimento ser recíproco a amizade virou um amor carnal. O que o afligia era a consciência de como eram resolvidas as traições na favela: “Primeira lei da favela, parágrafo único: nunca cante a mina de um aliado; senão, vai subir.” (FERRÉZ, 2016, p.74).

Desde o primeiro olhar, Rael sabia que estava errado. Como uma maneira de aliviar sua consciência, passou a julgar a forma que Matcherros tratava Paula, mesmo que esses comportamentos nunca o incomodaram. Sempre soube que o amigo traía a namorada e que só estava com ela para não ficar sozinho, quando não conseguisse ninguém.

Matcherros não confiava em Paula, mas era ele que traía direto. Todas as vezes que saíam juntos, Matcherros catava uma mina diferente no rolê, era extremamente mulherengo. Na verdade, ele não dava valor à namorada que tinha. (FERRÉZ, 2016, p.51).

Julgar o amigo gerou em Rael uma certa confiança. Só agora ele via tudo que Matcherros não era para Paula e sabia que poderia conquistá-la mostrando o quanto era diferente do seu namorado. Assim, os dois se aproximaram cada vez mais, resultando no primeiro beijo.

Eles estavam sozinhos no ponto de ônibus, e Rael se ligou que aquela era a hora certa de atacar: falou rapidamente para ela olhar para o lado; ela virou-se e olhou curiosa, ele levantou seu sedoso cabelo negro e deu uma leve mordida em seu pescoço angelical. Paula se contraiu e, sem dizer uma palavra, fitou o amigo seriamente. Nesse olhar; Rael captou algo estranho. Ela continuou a olhar e, num gesto inesperado, o puxou, segurou em sua nuca e lhe deu um beijo mais gostoso e ardente de toda sua vida. O amigo respondeu à altura e se sentiu satisfeito com a demora do beijo. (FERRÉZ, 2016, p.73).

Apesar das consequências, Rael decidiu que iria ficar com a namorada do amigo. Quando seu patrão fez uma oferta para ele ser o caseiro, viu uma oportunidade de melhorar sua vida e construir uma família com Paula. Percebeu, então, que não dava mais para adiar a conversar com Matcherros.

A decisão foi tomada. Após o serviço, à noitinha, ele iria á casa de Matcherros e seria o que Deus quisesse, mas daquela noite não podia passar. Rael não aguentava mais aprisionar tanto amor, ele queria Paula todas as noites de sua vida. (FERRÉZ, 2016, p.133).

Após a conversa, a grande amizade dos dois chegou ao fim. Mas por mais que Rael sentisse falta do amigo, sabia que o preço que pagou não era nada comparado à felicidade que sentia em ter Paula (e, futuramente, seu filho, Ramon) ao seu lado. Rael era também pintor na metalúrgica, e reformou toda a casa onde passou a morar com a namorada. Visitava sua mãe todos os dias, porém tinha perdido contato com seus amigos devido à sua rotina exaustiva. O que nos faz pensar que ele não fazia mais nada a não ser ficar com Paula e trabalhar para dá um futuro melhor a sua família.

Sua vida seguia feliz, até que um dia chegou em casa e deparou com um bilhete de sua mulher, dizendo que estava o deixando e levando consigo o filho. Logo depois, ele foi demitido do seu emprego sem explicação aparente, sendo forçado a sair da casa onde viveu tantas lembranças boas com a família. Neste momento, se via sozinho e sem nada, queria o seu filho e não sabia onde estava. Tudo piorou quando soube que Paula tinha sido vista com um bebê no colo e abraçada com o seu ex-patrão, o Oscar. Agora tudo era nítido, aquela casa que recebera não foi para ele, foi um favor que o patrão fizera para sua amante.

Finalmente, ele tinha entendido tudo, a casa dos fundos da metalúrgica era um favor, mas não para ele, e sim para a amante do seu Oscar. Talvez ela, Paula, já saísse com ele bem antes; afinal, como Matcheros dissera, “da traição, nem Jesus escapou”. (FERREZ, 2016, p.140)

Segundo Staats (1996), uma parte dos problemas dos indivíduos envolve as mudanças que ocorrem no campo emocional, afetando o seu comportamento. Logo, como a pessoa se sente, influencia no que ela faz. Assim, Rael (motivado pela raiva) decidiu se unir com Burgos para arquitetar um roubo na metalúrgica, não pelo dinheiro, mas por vingança e pela sua honra. Não pensando na sua mãe e nos seus sonhos, mata o seu ex-patrão com um tiro na cabeça. Ao sair do local, é reconhecido por uma vizinha que o denuncia para polícia.

Na cela, tinha um menino com esperanças, com seus óculos e gibi *Orquídea Negra* do lado. Ao descrever Rael com o seu gibi, que era o seu costume quando morava na casa dos seus pais, nos remete a ideia dele ter voltado a ser quem era antes de conhecer Paula. Rael estava tentando mudar e tinha como ponto positivo o fato de não precisar cumprir a pena toda na cadeia, por ser réu primário.

Entretanto, isso não chegou a acontecer. Como os seus outros amigos, ele teve seus sonhos interrompidos ainda jovem. Burgos tinha medo de Rael denunciá-lo pelo assalto e mandou seu primo, que compartilhava a mesma cela, matar o amigo.

Rael sentiu uma dor horrível quando o seu colega de cela enfiou a caneta em seu ouvido, ele só arregalou os olhos e pensou em seu filho, Ramon. Seu corpo foi retirado da cela pela manhã e encaminhado ao IML. (FERREZ, 2016, p.143).

Pela personalidade de Rael no início do livro, era o personagem que mais tinha vontade em mudar de vida de forma digna, tanto que a maioria dos pensamentos de mudanças e reflexões sobre a realidade vinham de falas ou pensamentos proferidos por ele. Se perder em um amor proibido o levou a tomar atitudes que desencadearam a sua morte.

A todo momento, o livro aborda a relação de Rael com a literatura, sua vontade de estudar e mudar a sua vida e dos mais próximos a ele. Por vezes, aparece tentando influenciar algum amigo a ler e a procurar um emprego digno para sair da vida do crime e das drogas.

Diferente dos amigos, ele compreendia a importância dos estudos e via nele o único meio possível de transformar sua realidade. Mas Rael era preto, pobre e favelado. Queria estudar, mas lhe faltavam oportunidades. Além de ter que trabalhar

duro o dia inteiro para ajudar em casa. Inacreditavelmente, nossa sociedade ainda fala em meritocracia!

3.3 Capachão

O seu nome é Mariano, porém todos o conheciam como Capachão, apelido que ganhou quando frequentava a favelinha na travessa Santiago. Interessante é a simbologia que está presente no apelido, visto que o significado de Capachão é alguém bajulador, que adula com fins interesseiros. Percebemos que sua personalidade condiz com o cognome ao analisar a forma que ele conquista a confiança dos moradores do Capão.

As tábuas do barraco já estavam tão apodrecidas que um leve toque as perfuraria, era só alguém querer que dava para invadir numa boa; porém o respeito na quebrada sempre prevalece para aqueles que sabem se impor na humildade, e foi isso que Capachão procurou fazer desde o primeiro dia em que tinha mudado para o Jangadeiro. Ele ia aos bares, pagava cerveja para os malandros mais velhos, doces para seus filhos, jogava taco com as crianças e não demorou a pegar a consideração de todos por ali. (FERRÉZ, 2016, p.34-35).

O respeito foi sua preocupação ao chegar à favela, pois sabia que só assim conseguiria viver por mais tempo no Capão Redondo. Outra preocupação que tinha era com o seu irmão mais novo que estava usando crack, um caminho sem salvação pelo que Capachão tinha presenciado nos bairros em que morou. Além de que, o uso da 'pedra' fazia a pessoa desistir da vida e de suas ambições, o consumo é a única motivação dos usuários, como se fosse o fator essencial para sobreviver.

Diante da situação, Capachão recordou da sua infância, como uma maneira que seu inconsciente encontrou para fugir da realidade e ter lembranças boas do seu irmão. Lembrou quando apertavam as campainhas das casas nobres de Belo Horizonte e saíam correndo felizes, memória que foi logo substituída pela maneira que sua mãe os criou.

Essa brincadeira rendeu uma grande ideia a dona Alzira, a mãe dos pequenos: a partir daí, já não eram toques rápidos nem alegres, eram toques tímidos e humilhantes, o pão era pedido de porta em porta, e o orgulho dos pequenos também era perdido de porta em porta. (FERRÉZ, 2016, p.34)

Isso porque, a sua mãe, Alzira, era uma alcoólatra e viciada em jogos de azar. Por ser separada do marido, recebia uma pensão como uma ajuda na criação dos três filhos, dois meninos e uma menina. Por algum tempo, os seus filhos acreditaram

que a mãe os colocava para pedir na rua porque o seu pai não colaborava com o sustento. Quando descobriram onde o dinheiro da pensão era destinado, odiaram Alzira, saindo de casa e indo morar com os seus avós em Capão Redondo.

É com a família que encontramos um dos suportes para a construção identitária do sujeito, considerando que no meio familiar existem constantes interações que possibilitam o compartilhamento de crenças, mitos e comportamentos para todos os indivíduos do grupo. Por Capachão não ter muito contato com o pai, os ensinamentos que foram passados para o personagem eram de como ele não deveria ser, via o exemplo de sua mãe e não queria que a sua vida fosse a mesma da dela, regada a vícios.

Regina Helena Lima Caldana (1998) explica que no modelo de 'família tradicional' o afeto familiar era baseado na ideia romântica de um amor materno natural e da preocupação genuína com o desenvolvimento das crianças. Ao descobrir que Alzira utilizava os filhos para sustentar os vícios, os colocando em situações constrangedoras e desprotegidas, a ideia de um amor materno puro foi desconstruída, ocorrendo uma mudança brusca na vida dos três garotos.

Capachão conseguiu um emprego na borracharia e, tentando conciliar o trabalho com os seus estudos, frequentava a escola durante a noite. Não desistir de estudar mesmo com as adversidades, foi muito importante para a formação da sua identidade. Guilherme d'Oliveira Martins (1992) aponta que a escola é um dos elementos responsáveis pela mudança e desenvolvimento do ser humano.

[...] tem que se assumir basicamente não só como um potenciador de recursos, mas também como um lugar de abertura e de solidariedade, de justiça e de responsabilização mútua, de tolerância e respeito, de sabedoria e de conhecimento (OLIVEIRA-MARTINS, 1992, p.41)

Depois de seis meses contratado, por falta de cliente perdeu o emprego. Foi então que aconteceu a segunda mudança na sua vida. A sua avó o mandou ir embora por não ter condições de sustentar três, e assim ele não tinha mais casa e não morava mais com os seus irmãos, sendo abrigado por um dos seus amigos.

Sem emprego, sem lar e decidido a mudar de vida, tentou o exame da Polícia Militar. Passou em todos os testes e só estava esperando para ser chamado. Enquanto isso, conseguiu um emprego em uma vidraçaria perto do Jardim Jangadeiro e com o salário, comprou um barraco no Alto Morro.

Algum tempo depois, Capachão foi chamado para treinar na Academia do Bairro Branco para tornar-se policial. Sua rotina era exaustiva e não sobrava tempo

para nada, o seu desejo no final do dia era chegar em casa e dormir. Seus pensamentos, no entanto, afloravam e não o deixava descansar.

Ora pensava e sentia saudades do pai, ora pensava em todos os momentos da sua vida que teve apoio dos seus amigos. Ele não se conformava com o destino de alguns dos seus companheiros, o que mostra que almejava não só o seu bem, mas pensava no coletivo. Segundo o autor, “notando que a realidade fez a todos eles, Capachão não se conteve, e uma água sentimental desceu dos seus olhos. Ele chorou, abaixou a cabeça e tentou dormir novamente”. (FERRÉZ, 2016, p.116).

É importante ressaltar que Mariano sempre soube que os policiais matavam e agrediam muitos dos seus, tratando os moradores do Capão Redondo como bandidos e nada mais. Ele tinha a consciência de tudo que acontecia ao seu redor, mas mesmo assim, quando se tornou um policial os seus princípios foram modificados. Notamos isso em uma ação truculenta da polícia na favela.

China disse que sim, o policial a pôs no bolso e começaram a bater geral em duas minas que desciam da Cohab. A morena mais gostosa teve as mãos do policial apalpando suas nádegas, suas pernas, seus seios firmes; o gambé disse baixinho em seu ouvido:

-Acho que já te vi lá na Aurora, hein, sua vadia?!

A morena nada falou, mas seus olhos se encheram de lágrimas.

Ao fundo, Matcheros notou um gambé com o cassetete na mão e, mesmo com a cabeça baixa, percebeu ser seu amigo Capachão. (FERRÉZ, 2016, p.135).

A reação dos amigos de Mariano foi o silêncio, eles estavam surpresos que o seu companheiro mudou de lado e fazia tudo que um dia criticou. A ideia de Capachão ao entrar na polícia militar não era ser conivente com as atitudes negativas que os policiais praticavam, era apenas um meio que ele encontrou para mudar de vida e conseguir dinheiro.

A identidade é vista como um meio para atingir um objetivo. Logo, a identidade não é absoluta, mas relativa. O conceito de estratégia indica também que o indivíduo, enquanto ator social, não é desprovido de uma certa margem de manobra. Em função de sua avaliação da situação, ele utiliza seus recursos de identidade de maneira estratégica. Na medida em que ela é um motivo de lutas sociais de classificação, que buscam a reprodução ou a reviravolta das relações de dominação, a identidade se constrói através das estratégias dos atores sociais. (CUCHE, 1999, p.184).

A identidade não é um processo imutável, ela se constrói e se desconstrói o tempo todo dependendo do contexto em que se inserem. Mariano passou por uma grande mudança social, o que o fez reformular os seus conceitos.

4 O TODO E AS PARTES: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Capão Pecado é um livro instigante e envolvente. Ao ler, temos a sensação de sermos levados para o ambiente da obra, compreendendo como é viver no lado “sem lei” da grande cidade de São Paulo.

O autor, Ferréz, que morou bastante tempo no Capão Redondo, sentiu a necessidade de escrever um livro no qual os moradores sentissem representados, uma obra que mostrasse a realidade “nua e crua” da favela, da forma como realmente acontecem os fatos. Assim, em vários momentos da leitura, assimilamos os fatos acontecidos no enredo a fatos reais divulgados nos sites de notícias ou nos jornais, o que nos leva a perceber que a obra não é tão ficcional, é mais um relato ou testemunho narrado. Um exemplo disso está no trecho que descreve uma chacina.

Pássaro, Ceará, Naná e Dinas tinham dado entrada no Instituto Médico-Legal às seis horas da tarde, e foi muito trabalho para os médicos. Resolveram não tirar todas as balas, já haviam tirado mais de cinquenta e precisavam dar baixa em mais três que tinham vindo do Capão também. Foi uma das maiores chacinas da região, saiu nos jornais de manhã e entrou na estatística à noite. (FERREZ, 2016, p.139).

Isso se assemelha a uma chacina que ocorreu recentemente – dia 27 de Janeiro de 2020 – no Capão, mostrando que essas cenas são mais comuns do que imaginamos. As reportagens do dia relatam uma chacina no bar do Capão Redondo, na qual quatro homens armados entraram atirando em um grupo de pessoas que estavam assistindo jogo, matando três delas e ferindo outras três. Coisas do tipo são narradas em vários capítulos do livro, mostrando a verdadeira realidade dos moradores de zonas periféricas.

Através da pesquisa, pudemos perceber como a desigualdade social ainda é um dos fatores que segregam a população e refletir que não podemos deixar que um fator econômico defina quem somos. E por mais que faltem oportunidades para melhorar a vida da população a margem, eles não podem desistir dos sonhos e evoluções.

A ideia de analisar os personagens é mostrar como uma pessoa não pode ser julgada pelo meio em que vive, existem outras características que são essenciais para a construção do sujeito como: amor, família, literatura, acesso a educação, consciência de classe e a interação entre grupos sociais.

Observamos que os personagens não precisam apenas de infraestrutura para ter acesso a uma vida melhor, necessitam que sejam enxergados pela sua individualidade e não só pela sua economia. O livro Capão Pecado possibilitou que os leitores soubessem um pouco dos problemas que acontecem nas periferias, sendo contados por uma pessoa de dentro.

Por fim, este trabalho oportunizou a identificação da literatura marginal apontando os aspectos que a compõe e nos levando a pensar na luta contra a desigualdade social.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CALDANA, Regina Helena Lima. **Ser criança no início do século: alguns retratos e suas lições**. São Carlos: Tese de Doutorado - CECH/UFSCar, 1998.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014.
- COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.
- ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- FACINA, Adriana. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1971.
- FERREIRA, João Francisco. **Crítica Literária em nossos Dias e Literatura Marginal**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 1981.
- FERRÉZ. **Literatura marginal: talentos da escrita periférica**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- FERRÉZ. **Capão Pecado**. São Paulo: Planeta, 2016.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- KOWARICK, Lúcio. **O conceito de exclusão social**. São Paulo: EDUC, 1999.
- MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. Tradução Néelson Jahr Garcia. Disponível em: http://neppec.fe.ufg.br/uploads/4/original_brumario.pdf Acesso em : janeiro de 2020.
- MERQUIOR, José Guilherme. **De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira**. São Paulo: É Realizações, 2014.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas Literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.
- PUENTE-PALACIOS, Katia Elizabeth; LAROS, Jacob Arie. **Análise multinível: contribuições para estudos sobre efeito do contexto social no comportamento individual**. Campinas: Estudos psicológicos, 2009.

OLIVEIRA-MARTINS, Guilherme. **Unidade e diversidade, educação e cidadania.** Europa: Colóquio Educação e Sociedade, 1992.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Testemunho da Shoah e literatura.** São Paulo: IEL-UNICAMP, 2009.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. **A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960 – 2000).** SP: [s.n.], 2011.

STAATS, Arthur W. **Behavior and Personality: Psychological Behaviorism.** New York: Springer Publishing Company, 1996.